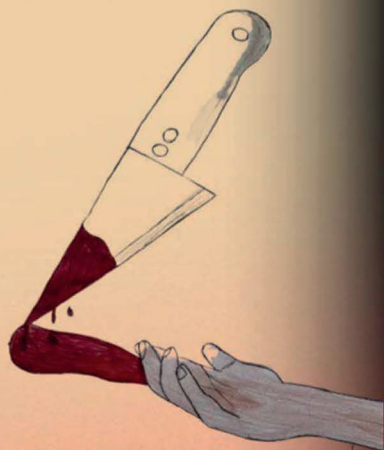
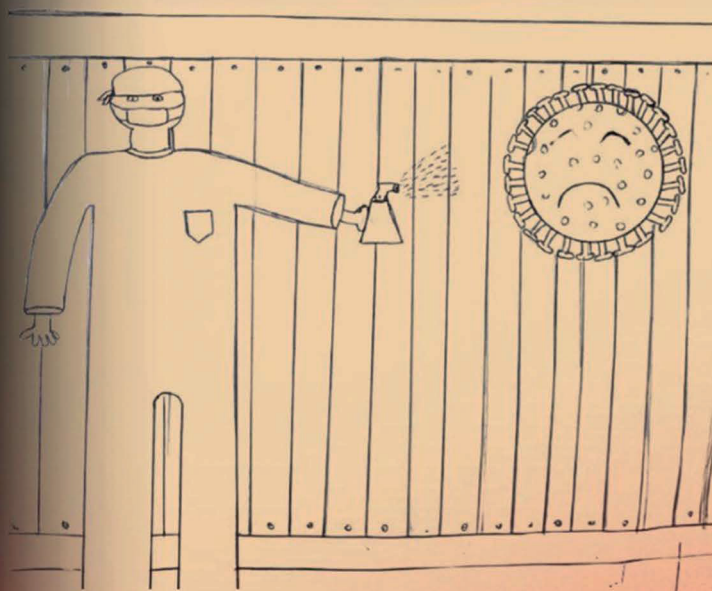


José Clébson de Sousa

CICATRIZES

das memórias



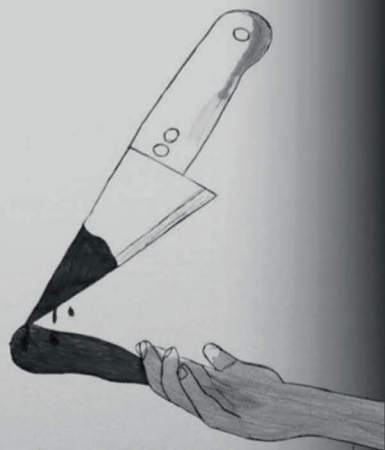
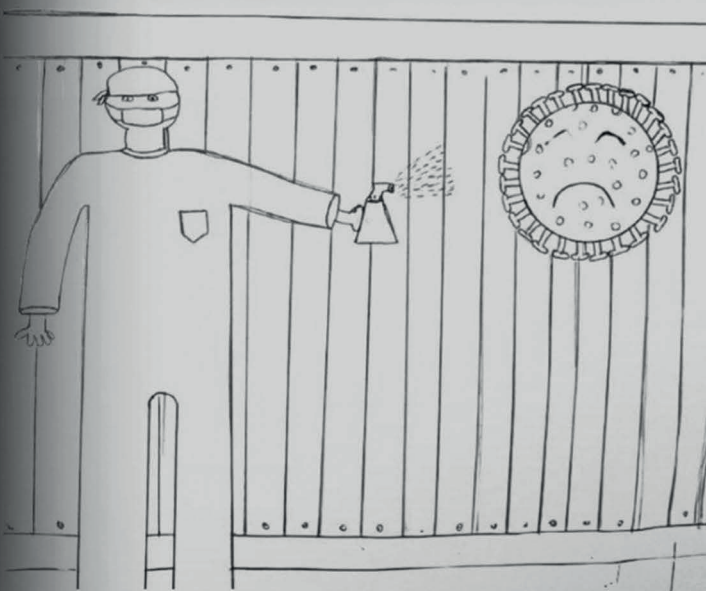
Atena
Editora

Ano 2026

José Clébson de Sousa

CICATRIZES

das memórias



Atena
Editora
Ano 2026

2025 by Atena Editora
Copyright © 2025 Atena Editora
Copyright do texto © 2025, o autor
Copyright da edição © 2025, Atena Editora
Os direitos desta edição foram cedidos à Atena Editora pelo autor.
Open access publication by Atena Editora

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira Scheffer

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Yago Raphael Massuqueto Rocha



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

A Atena Editora tem um compromisso sério com a transparência e a qualidade em todo o processo de publicação. Trabalhamos para garantir que tudo seja feito de forma ética, evitando problemas como plágio, manipulação de informações ou qualquer interferência externa que possa comprometer o trabalho.

Se surgir qualquer suspeita de irregularidade, ela será analisada com atenção e tratada com responsabilidade.

O conteúdo do livro, textos, dados e informações, é de responsabilidade total do autor e não representa necessariamente a opinião da Atena Editora. A obra pode ser baixada, compartilhada, adaptada ou reutilizada livremente, desde que o autor e a editora sejam mencionados, conforme a Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

Cada trabalho recebeu a atenção de especialistas antes da publicação. A equipe editorial da Atena avaliou as produções nacionais, e revisores externos analisaram os materiais de autores internacionais.

Todos os textos foram aprovados com base em critérios de imparcialidade e responsabilidade.

CICATRIZES DAS MEMÓRIAS

| Organizador:

José Clébson de Sousa

| Revisão:

Nome

| Diagramação:

Luiza Alves Batista

| Ilustração da capa

Gleyciane (7º ano)

| Capa:

Yago Raphael Massuqueto Rocha

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725 Sousa, José Clébson de
Cicatrices das memórias / José Clébson de Sousa. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2026.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-3945-5

DOI <https://doi.org/10.22533/at.ed.455262201>

1. Memória autobiográfica. I. Sousa, José Clébson
de. II. Título.

CDD 808.06692

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

+55 (42) 3323-5493

+55 (42) 99955-2866

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

CONSELHO EDITORIAL

CONSELHO EDITORIAL

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Ariadna Faria Vieira – Universidade Estadual do Piauí
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Glécilla Colombelli de Souza Nunes – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof. Dr. Joachin de Melo Azevedo Sobrinho Neto – Universidade de Pernambuco
Prof. Dr. João Paulo Roberti Junior – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Juliana Abonizio – Universidade Federal de Mato Grosso
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof. Dr. Sérgio Nunes de Jesus – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfnas





Dedico esta obra aos alunos da comunidade do Caranã, que mostram resiliência e coragem diante das dificuldades. Espero que cada página reflita suas experiências e lutas. Suas cicatrizes são testemunhos de superação e autodescoberta, transformando desafios em ferramentas de autoafirmação. Reconheçam a força em suas histórias e valorizem suas jornadas. Que este trabalho inspire vocês a continuar a lutar e brilhar, tanto individualmente quanto como uma comunidade unida.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

CICATRIZES DAS MEMÓRIAS

Cicatrices das Memórias é um projeto que emerge como uma iniciativa significativa e sensível, desenvolvida com os alunos do 6º ao 9º ano do ensino fundamental anos finais na Escola Municipal de Ensino Infantil e fundamental Benedito de Oliveira Reis, localizada na comunidade do Caranã, em Tracuateua-PA. Esse projeto, que se desdobra em um livro, busca capturar e explorar as complexas narrativas dos jovens, que são tecidas a partir de suas lembranças doloridas. As histórias que eles compartilham vão desde relatos de simples cortes em seus corpos até os traumas psicológicos mais profundos, consequências de dores que deixaram marcas indelévels em suas vidas.

Esses relatos não são apenas sobre as cicatrizes físicas, representam um mergulho nas memórias que se entrelaçam com a história da comunidade. Cada cicatriz conta uma história de resistência, de superação e, muitas vezes, de dor. Assim, os alunos se tornam narradores de experiências que transcendem suas vivências individuais e refletem um contexto maior, onde eventos marcantes moldaram não apenas seus corpos, mas também suas almas e suas identidades.

O livro não é apenas um registro, mas um testemunho da importância singular de cada cicatriz, que, em sua essência, representa uma memória imortalizada. As cicatrizes das memórias, conforme exploradas no projeto, simbolizam esses atravessamentos entre o corpo e a psique, ressaltando como as experiências vividas podem ser perpetuadas através do tempo, influenciando gerações. Ao compartilhar suas histórias, os alunos dão voz a sentimentos e experiências que, muitas vezes, permanecem silenciados. Assim, o projeto não só ajuda a curar as feridas do passado, mas também propõe um espaço de reflexão e de valorização das histórias que formam a rica tapeçaria cultural da comunidade de Caranã.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Etapas do Projeto

1º Passo:

O início do projeto consistiu em realizar uma roda de conversa com os alunos, na qual foram discutidas as narrativas dolorosas que marcaram a comunidade e deixaram cicatrizes profundas na memória coletiva. Esse espaço de diálogo foi fundamental para que os estudantes compartilhassem suas experiências, sentimentos e reflexões sobre eventos que impactaram suas vidas e a de seus familiares. Durante essa roda, os alunos foram incentivados a expressar suas opiniões e a ouvir as vozes uns dos outros, promovendo um ambiente de empatia e compreensão mútua.

Para enriquecer essa discussão, foi apresentada a obra *Cicatrices*, do artista Vik Muniz. Essa obra, que surgiu em resposta aos trágicos eventos ocorridos no dia 8 de janeiro de 2023, quando vândalos atacaram e devastaram a sede dos Três Poderes em Brasília, serve como um poderoso símbolo das consequências da destruição. Muniz, com sua abordagem artística única, transformou os destroços e as marcas deixadas por esse ato de vandalismo em uma reflexão profunda sobre a dor e a resistência da sociedade.

Ao apresentar *Cicatrices*, os alunos tiveram a oportunidade de explorar não apenas a estética da obra, mas também o contexto social e político que a inspirou. Essa análise contribuiu para uma compreensão mais ampla das feridas sociais que ainda afetam a comunidade, estimulando um debate sobre a importância da memória e da arte como formas de expressão e resistência. Assim, a roda de conversa se transformou em um espaço de aprendizado e conscientização, onde cada voz é valorizada e cada história tem seu lugar.

2º Passo:

Foi organizada uma roda de conversa, um espaço de diálogo aberto onde os alunos puderam refletir sobre eventos marcantes que ocorreram na comunidade e que deixaram uma impressão duradoura em suas memórias. Durante essa atividade, os estudantes foram convidados a compartilhar suas experiências e a discutir os impactos desses acontecimentos em suas vidas e na convivência social.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Após um momento de reflexão e troca de ideias, as turmas decidiram selecionar dois eventos que se destacaram pela profundidade de suas implicações: as barreiras que isolavam a comunidade durante a pandemia de Covid-19 e o trágico assassinato de um homem local. Esses episódios não apenas chocaram os moradores, mas também deixaram cicatrizes emocionais que continuam a reverberar na vida cotidiana da comunidade.

As barreiras impostas pela pandemia foram cruéis e transformadoras, levando ao isolamento social, ao fechamento de estabelecimentos e à ruptura de laços comunitários que antes eram fortes. Esse período trouxe à tona a vulnerabilidade da comunidade, expondo fraquezas e, ao mesmo tempo, revelando a força da solidariedade entre os moradores.

Por outro lado, o assassinato do homem, cujas circunstâncias ainda são debatidas e que gerou um clima de insegurança e medo, também deixou marcas profundas. Esse evento trouxe à luz questões de violência e justiça, provocando uma série de reflexões sobre os desafios enfrentados pela comunidade em busca de paz e segurança.

Assim, esses dois fatos não apenas abalaram a estrutura social da comunidade, mas também se tornaram parte integrante de sua história coletiva, deixando cicatrizes que, embora dolorosas, servem como lembretes da resiliência e da capacidade de superação da população local.

3º Passo:

No terceiro passo da atividade, os alunos foram convidados a compartilhar as histórias por trás das cicatrizes que mais impactaram seus corpos ao longo de suas vidas. Esse momento não apenas permitiu que eles se expressassem de maneira íntima e pessoal, mas também favoreceu um ambiente de compreensão e empatia entre os colegas. Cada um trouxe à tona memórias únicas, revelando não apenas os eventos que levaram às cicatrizes, mas também as lições e sentimentos associados a essas experiências.

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

Após a contação, os alunos se dedicaram a criar desenhos que representassem essas cicatrizes de forma artística. Com lápis e papel em mãos, eles traduziram suas narrativas em imagens, capturando não apenas a forma física das cicatrizes, mas também a emoção que cada uma delas carrega. Esse exercício de expressão visual proporcionou uma oportunidade para que eles refletissem sobre suas vivências, solidificando a conexão entre a história pessoal e a arte, enquanto celebravam a singularidade de suas jornadas.

4º Passo:

Esse foi o momento decisivo em que todas as narrativas, juntamente com os desenhos que representam as cicatrizes, se uniram para formar uma obra coesa e significativa. Este trabalho não é apenas uma coleção de histórias e imagens; é um convite reflexivo para explorar a importância das cicatrizes, tanto no corpo quanto nas memórias que carregamos conosco ao longo da vida. As cicatrizes físicas muitas vezes contam histórias de superação, dor e resiliência, enquanto as cicatrizes emocionais e memórias moldam nossa identidade e afetam como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. Espero que vocês, ao se depararem com essas narrativas, consigam apreciar a profundidade dessas histórias, reconhecendo nelas não apenas as marcas visíveis, mas também as invisíveis, que nos conectam como seres humanos. Que essa obra inspire uma contemplação sobre como as cicatrizes, em suas várias formas, são testemunhos de nossas experiências vividas e da nossa capacidade de continuar avançando, apesar das dificuldades.

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| VESTÍGIOS INICIAIS..... | 1 |
| CICATRIZES..... | 3 |
| A CICATRIZ DA BARREIRA | 6 |
| DESOBEDIÊNCIA (VIOLÊNCIA) | 8 |
| CICATRIZ DA TEIMOSIA | 9 |
| A CICATRIZ QUE VEM DA DESOBEDIÊNCIA | 10 |
| DESOBEDIÊNCIA..... | 11 |
| AUTOMUTILAÇÃO | 12 |
| AS CICATRIZES DESCREVEM O MEU PASSADO | 15 |
| A DOR DOS PROBLEMAS EMOCIONAIS..... | 16 |
| O QUE VEM DAS MEMÓRIAS..... | 17 |
| A VACINA QUE DEIXOU | 18 |
| MEU PÉ É A HISTÓRIA..... | 19 |
| MINHA QUEIMADURA | 20 |
| A CICATRIZ QUE EU CARREGO E NUNCA VAI SER ESQUECIDA | 21 |
| A CICATRIZ E A MINHA HISTÓRIA | 22 |

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CICATRIZ DO MEU CORPO TERRITÓRIO..... | 23 |
| MEU PÉ É A MINHA CICATRIZ..... | 24 |
| A CICATRIZ ATINGINDO O MEU CORPO | 25 |
| A CADEIRA..... | 26 |
| NA PELE A HISTÓRIA | 27 |
| A HISTÓRIA MARCADA NA PELE | 28 |
| MINHA CICATRIZ..... | 29 |
| HISTÓRIA DA VIDA | 30 |
| MARCA DA VIDA | 31 |
| MEU PÉ A MINHA HISTÓRIA..... | 32 |
| CICATRIZ DO MEU PASSADO..... | 33 |
| CICATRIZ NA MINHA MÃO..... | 34 |
| A HISTÓRIA DA MINHA CICATRIZ..... | 35 |
| A CICATRIZ QUE EU CARREGO PRA MINHA VIDA..... | 36 |
| MINHA CICATRIZ QUE EU LEVO PRA VIDA INTEIRA..... | 37 |
| CICATRIZ QUE O ARAME E O PATO ME DEIXARAM..... | 38 |
| DISTRAÇÃO..... | 39 |

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|--|-----------|
| A CICATRIZ VEM DO ACIDENTE..... | 40 |
| CICATRIZ DAS BRINCADEIRAS..... | 41 |
| O ASSASSINATO QUE ACONTECEU NO CARANÃ | 42 |
| A CICATRIZ | 43 |
| LEMBRANÇA DE UM ANIMAL | 44 |
| A MINHA CICATRIZ REGISTRADA NO MEU CORPO | 45 |
| AS MINHAS CICATRIZES SÃO MARCAS DE EXISTÊNCIAS E SUPERANÇA..... | 46 |
| MINHA CICATRIZ..... | 47 |
| ESSA É A MINHA CICATRIZ..... | 48 |
| MINHA PRIMEIRA DOR..... | 49 |
| MINHA LEMBRANÇA | 50 |
| CICATRIZ DO CARÁ..... | 51 |
| UM DIA NO CAMINHO DO RIO | 52 |
| O QUATI E OS CACHORROS..... | 53 |
| CAIR NO RIO | 54 |
| O GOLPE NA MINHA PERNA | 55 |

SUMÁRIO

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| CAI NA BEIRA DO RIO | 56 |
| CAIR DE BICICLETA | 57 |
| CORTE NO TIJOLO | 58 |
| CORRENDO ATRÁS DE PIPA | 59 |
| CORTEI MINHA COXA..... | 60 |
| CICATRIZ QUE CAMINHAM COMIGO | 61 |
| NUMA TARDE COM OS CACHORROS | 62 |
| CICATRIZ NO RIO | 63 |
| CICATRIZANDO | 64 |
| REFERÊNCIAS | 65 |



VESTÍGIOS INICIAIS

Nossos corpos, em sua complexidade e singularidade, são constantemente atravessados por violências que foram naturalizadas e institucionalizadas ao longo de uma história marcada por resquícios colonialistas. Essas experiências traumáticas, que se perpetuam como cicatrizes invisíveis, moldam não apenas a nossa identidade, mas também a maneira como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. As feridas que atravessam nossos corpos e nossas almas silenciam nossas vozes, transformando-nos em receptáculos de dor e resistência. Elas deixam marcas indeléveis de poder, traumas que tentam cicatrizar, mas que frequentemente se reabrem, lembrando-nos do peso do passado.

O Brasil, em toda sua complexa trajetória, foi moldado por visões e narrativas colonialistas que ainda ressoam em nossas práticas sociais, culturais e educacionais. Essa forma de olhar a realidade, que insiste em perpetuar uma única versão da história.

A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne a única história (Adichie, 2019, p. 26).

E essa é uma herança que muitos brasileiros tentam defender a todo custo. Um exemplo emblemático dessa luta pela narrativa hegemônica ocorreu no dia 8 de janeiro de 2023. Nesse dia fatídico, um ato antidemocrático revelou as facetas mais obscuras da ignorância e do colonialismo enraizado na sociedade brasileira. Indivíduos imbuídos de uma violência avassaladora invadiram e depredaram a sede dos Três Poderes em Brasília, causando danos irreparáveis a obras de arte, arquitetura e esculturas que, por sua vez, narram parte fundamental de nossa história coletiva.

Esse ato de vandalismo não foi apenas um ataque a edificações e bens culturais, mas sim uma agressão direta à memória e à identidade de um povo. O choque e a indignação permeiam a sociedade brasileira, e, sem dúvida, esse evento ficará gravado como uma cicatriz profunda em nossa história e memória coletiva.

Os destroços dessa destruição antidemocrática, que simbolizam a fragilidade de nossas conquistas democráticas, foram levados para o ateliê do renomado artista Vik Muniz. Em um gesto de resistência e criatividade, Muniz transformou esses

fragmentos de história em arte, produzindo uma obra intitulada *Cicatrices* (2024). Essa obra, que agora se encontra exposta no Congresso Nacional, serve como uma representação potente desse ato de vandalismo, um lembrete constante de que a memória coletiva deve ser protegida e valorizada.

O legado de Muniz, assim como as cicatrizes que carregamos, nos convida a refletir sobre a importância da preservação da nossa história e a necessidade de lutar contra as forças que buscam silenciar nossas vozes. É uma obra que, ao mesmo tempo, denuncia e celebra a resiliência de um povo.

Com base na história que permeia a nossa compreensão da identidade e da experiência humana, surgiu o projeto intitulado *Cicatrices das Memórias*. Esse projeto pretende evidenciar a importância singular das cicatrizes, que não são meras marcas físicas no corpo, mas sim testemunhos eloquentes de narrativas vividas e de experiências que moldaram a vida de cada um. Essas cicatrizes, carregadas de dor, resistência e história, servem como um mapa que revela as complexidades das violências enfrentadas, não só no sentido físico, mas também emocional e psicológico.

Ao explorar essa temática, buscamos trazer à luz as diversas histórias que se entrelaçam nas memórias de indivíduos que, embora tenham sofrido, também encontraram formas de resistência e superação. Cada cicatriz conta uma história única, repleta de nuances que refletem não apenas as lutas enfrentadas, mas também as vitórias conquistadas ao longo do caminho. Por meio de narrativas pessoais, pretendemos criar um espaço seguro e acolhedor onde as experiências possam ser compartilhadas, reconhecidas e validadas.

Nesse sentido, *Cicatrices das Memórias* vai além de um simples relato de dores, ao se tornar um veículo de empoderamento e de transformação. As memórias que habitam esses corpos e suas cicatrizes são convites para reflexões mais profundas sobre a condição humana e sobre como as vivências moldam nossa percepção de nós mesmos e do mundo ao nosso redor. Assim, o projeto visa não apenas homenagear as histórias contadas, mas também inspirar um diálogo contínuo sobre cura, identidade e a importância de contar nossas próprias histórias.

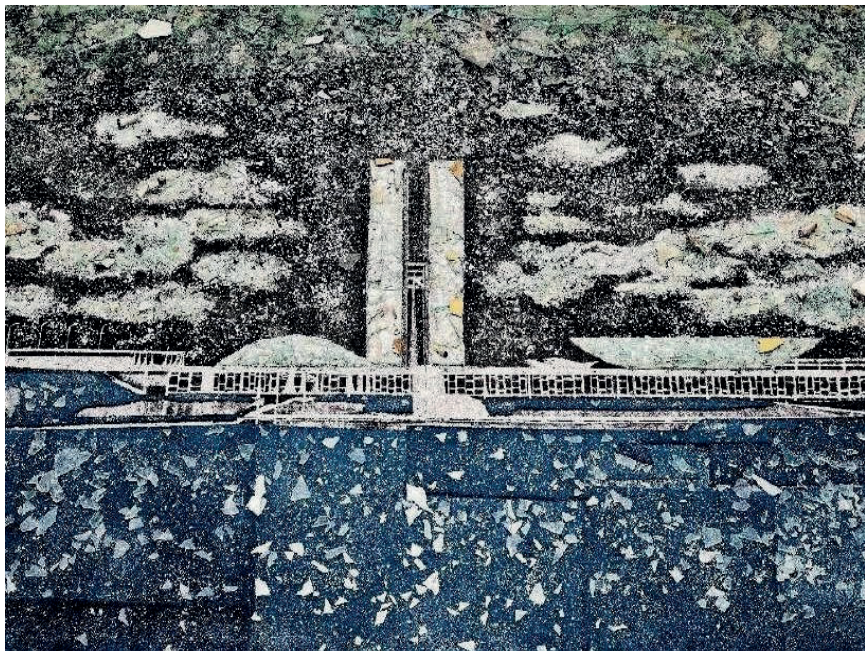


CICATRIZES

A obra notável criada a partir do dia 8 de janeiro de 2023, pelo renomado artista Vicente José de Oliveira Muniz, mais conhecido como Vik Muniz, ergue-se como um poderoso testemunho da resiliência e da transformação. Essa peça singular foi elaborada a partir dos destroços remanescentes das invasões que devastaram os palácios dos Três Poderes em Brasília, convertendo os fragmentos de uma tragédia em uma expressão artística de profunda reflexão. Muniz, conhecido por suas abordagens inovadoras e significativas, inspirou-se na ancestral técnica japonesa do *kintsugi*. Essa prática, que envolve a reparação de objetos de cerâmica quebrados com ouro, não apenas restabelece a integridade das peças, mas também celebra suas cicatrizes como parte de sua história, enfatizando a beleza que pode surgir da imperfeição.

Ao receber as quase quatro toneladas de resíduos – compostos por cacos de vidro, quadros rasgados, carpetes e móveis que foram severamente danificados pelos atos de vandalismo – o artista comentou sobre a carga emocional e simbólica do material. Ele descreveu esses destroços como “impregnados de ódio e catarse coletiva”, reconhecendo que, embora esses objetos tenham sido produtos de um momento de destruição e desespero, também possuem o potencial de ser reintegrados em algo significativo.

Muniz se propôs a não apenas remendar o que foi quebrado, mas a criar uma nova narrativa que remonta ao que foi perdido, constituindo uma cicatriz que carrega valor histórico e social. Através de sua abordagem, ele vislumbra a possibilidade de transformação, em que a dor e o caos podem ser convertidos em um símbolo de esperança e regeneração, destacando a importância de reconhecer e aprender com as cicatrizes do passado. Assim, a obra não se limita a ser uma mera representação estética, mas se torna um elo entre a memória coletiva e a arte, um convite à reflexão sobre os eventos que marcaram a sociedade e a busca por um futuro mais consciente e respeitoso.



Fonte:¹

“A doação da obra 8 de janeiro de 2023 pelo renomado artista Vik Muniz demonstra um enorme gesto de generosidade e de apreço à democracia e às instituições. A belíssima obra terá lugar permanente no Senado Federal para marcar uma data que deve ser superada, mas que jamais pode ser esquecida.”

Presidente do Senado Federal e do Congresso Nacional, Rodrigo Pacheco.

1. <https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/museu-nacional-da-republica-recebe-exposicao-gratuita-%20sobre-a-arte-do-planalto-central>. Acesso dia 20 de setembro de 2025.





A CICATRIZ DA BARREIRA

Na comunidade de Caranã, interior de Tracuateua, em 2019. A Covid-19 chegou, e nas ruas do Caranã, homens maiores de 18 anos passaram a ficar dias e noites nas barreiras instaladas ao longo das vias. Os homens não permitiam que ninguém saísse sem a proteção da “máscara” e “álcool gel”. Se alguém passasse de moto, carro ou bicicleta sem máscara, essa pessoa era obrigada a voltar para pegar uma máscara antes de poder continuar, e isso se repetia todos os dias.

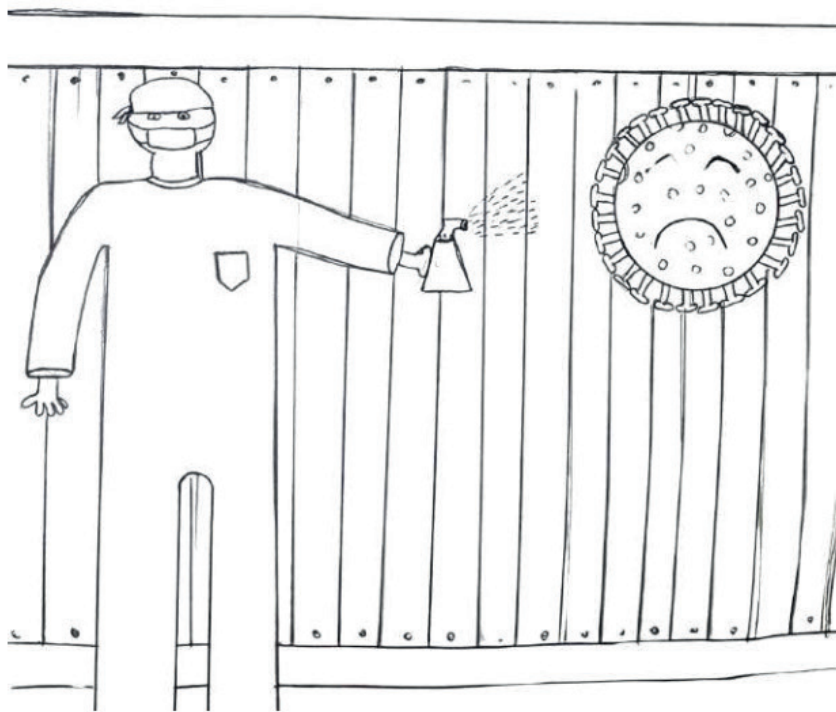
Houve um dia em que um homem se feriu e foi à delegacia para denunciar as pessoas da barreira. Ele disse à delegada que havia sido agredido na barreira, mas tudo isso era mentira. Isso ocorreu porque ele se opôs à barreira e recusou-se a usar máscara. Uma viatura chegou alguns minutos depois.

Havia muitas pessoas na rua principal quando a delegada saiu da viatura. Alguém lançou uma pedra na direção do veículo, e os policiais responderam com spray de pimenta. As pessoas correram, mas, após alguns minutos, retornaram. O mesmo homem chamou a polícia de Capanema, mas, quando a viatura chegou, já não havia mais nada. Esse incidente deixou uma marca em nossa comunidade, criando uma cicatriz na memória coletiva.

Kethen Heloisa Almeida dos Santos e

Kassia Luane da Silva Santos







DESOBEDIÊNCIA (VIOLÊNCIA)

Nós somos partes integrantes de uma complexa e multifacetada construção histórica que é indissociável da violência colonial. O colonialismo, nesse sentido, pode ser comparado a um espectro de terror que permeia as experiências e vivências dos povos subjugados, manifestando-se como uma política de morte e desencanto. Esse fenômeno se concretiza na bestialidade, no abuso sistemático e na produção incessante de trauma e humilhação, que se instalam nas comunidades como feridas profundas e duradouras.

A imagem do colonialismo se assemelha a um corpo coletivo, uma infantaria implacável e uma máquina de guerra que ataca, com ferocidade, toda e qualquer vibração que se desvie da tonalidade imposta pela dominância colonial. Simas e Rufino (2019) afirmam que esse ataque não é apenas físico, mas se infiltra nas estruturas sociais e culturais, moldando e deformando as relações interpessoais e comunitárias.

Os corpos que foram violentados e traumatizados por essas atrocidades não desaparecem; eles permanecem nas comunidades quilombolas e indígenas, perpetuando um ciclo de dor que se manifesta de maneira gradual. Essa violência histórica e contínua se reflete nos gestos cotidianos, na maneira como se educa os filhos, quando as cicatrizes do passado são transmitidas de geração em geração. Os filhos, por sua vez, espelham os pais, como seres em um constante processo de construção identitária, que opera dentro de um contexto de globalização tecnológica.

Nesse cenário, a desobediência se torna uma resposta e uma forma de resistência contra as normativas do colonialismo enraizado, revelando-se como uma luta por autonomia e identidade. Essa dinâmica fica evidente na narrativa das comunidades, que busca não apenas recuperar suas histórias, mas também reescrever uma nova realidade, na qual a voz dos oprimidos possa ser ouvida e respeitada. A luta pela descolonização do pensamento e das práticas sociais é um passo crucial nesse processo de transformação, que visa reconquistar a dignidade e a humanidade que foram subtraídas ao longo dos séculos.



CICATRIZ DA TEIMOSIA

Quando eu era pequeno, fui buscar capim para o meu cavalo. Levei uma foice e fui de bicicleta. Ao chegar no capinzal, tirei a liga da garupa da bicicleta. A foice estava amolada e, quando fui cortar a primeira tocinha de capim, a foice cortou minha mão. Minha mãe havia me avisado para não ir.



Paulo Sérgio Santos Reis



A CICATRIZ QUE VEM DA DESOBEDIÊNCIA

Ganhei minha cicatriz por desobedecer a meu pai, minha mãe e meu irmão. Estávamos na roça, e meu irmão tinha uma baladeira. Eu queria uma, mas ele não quis me dar. Então, começamos a brigar, e eu a peguei dele. Minha mãe me disse para não ir balar passarinho, mas eu não a obedeci e fui assim mesmo. Quando fui balar, o elástico da baladeira pegou no meu braço e fez um pequeno corte. Minha mãe veio ver o que tinha acontecido, me deu um tapa e mandou que eu engolisse o choro, senão apanharia mais. E foi assim que ganhei minha cicatriz.



Kassia Gabriela Santos dos Santos



DESOBEDIÊNCIA

Essa cicatriz eu adquiri aos 10 anos, quando chamei palavrão para meu pai enquanto ele estava limpando peixe. Ele olhou para mim e jogou uma faca, e, com medo, coloquei minha mão na frente; a faca acertou exatamente em cima da minha mão.



Darlan da Silva Santos



AUTOMUTILAÇÃO

Assim como o suicídio, a automutilação está profundamente ligada a um tipo específico de sofrimento psíquico, caracterizado pela incapacidade da pessoa de gerenciar suas emoções de maneira saudável e eficaz. Essa luta interna pode levar o indivíduo a buscar alívio em práticas de autolesão, que, embora dolorosas, oferecem uma sensação temporária de controle ou libertação diante de uma angústia insuportável. É importante destacar, no entanto, que, ao contrário do suicídio, cuja intenção final muitas vezes é a morte, a automutilação não tem essa finalidade letal. Em vez disso, ela representa um mecanismo de enfrentamento complexo e, frequentemente, mal compreendido.

A automutilação, isoladamente, não é reconhecida como um transtorno ou uma doença mental em si mesma; em vez disso, é considerada como um comportamento de risco que pode sinalizar a presença de questões mais profundas. Muitas vezes, essa prática está intrinsecamente relacionada a condições neuropsiquiátricas, como ansiedade, depressão ou transtornos de personalidade, que amplificam a intensidade do sofrimento emocional do indivíduo. Como resultado, ele pode se sentir compelido a se machucar intencionalmente, acreditando que isso de alguma forma aliviaria sua dor interna.

Para muitos, a automutilação surge como uma resposta imediata a momentos de intensa angústia psíquica ou ansiedade. Em alguns casos, essa prática pode se manifestar como um evento isolado, uma tentativa única de lidar com uma situação avassaladora. No entanto, em contextos de vulnerabilidade emocional extrema, essa prática pode evoluir para um padrão recorrente. A automutilação, então, deixa de ser um ato esporádico e se torna uma resposta habitual a situações estressantes, reforçando um ciclo vicioso que pode ser difícil de quebrar.

Portanto, é essencial que o reconhecimento e a compreensão dessas dinâmicas sejam abordados com sensibilidade e cuidado. A automutilação não deve ser apenas vista como um ato de rebeldia ou busca por atenção, mas como um sinal de um sofrimento profundo que merece atenção e intervenção adequadas. Compreender as motivações subjacentes e proporcionar apoio pode ser fundamental para ajudar

os indivíduos a encontrarem formas mais saudáveis de lidar com suas emoções, prevenindo tanto a automutilação quanto outros comportamentos autodestrutivos.

Quais sinais merecem sua atenção?

Não existe nenhum exame laboratorial ou de imagem, tampouco critérios específicos de diagnóstico para o risco de automutilação. No entanto, a percepção de alguns sinais clássicos pode sugerir esse tipo de comportamento, como por exemplo:

- Ansiedade;
- Crises depressivas;
- Sentimentos de raiva excessiva;
- Sensação de angústia constante.²

TRATAMENTO

O tratamento para a automutilação não se concentra exclusivamente no ato em si, mas sim nos sintomas e nos transtornos subjacentes que frequentemente conduzem a esse comportamento autodestrutivo. Por exemplo, quando uma pessoa que luta contra a depressão recorre à automutilação como uma forma de lidar com sua dor emocional, os profissionais de saúde mental direcionam seus esforços para abordar e tratar as crises depressivas. A ideia é que, ao melhorar o estado emocional geral do paciente, ele possa encontrar maneiras mais saudáveis e eficazes de lidar com seus sentimentos, levando, assim, à redução ou eliminação dos comportamentos de autolesão.

Para um tratamento eficaz, é crucial que o indivíduo busque acompanhamento regular com psicólogos e psiquiatras, que têm a expertise necessária para oferecer um plano de tratamento abrangente. Isso pode incluir a prescrição de medicamentos, sendo os psicotrópicos os remédios mais frequentemente recomendados. Existem diversas opções de medicamentos que podem ser utilizados, dependendo da avaliação e da recomendação dos especialistas, cada um deles com características específicas que podem se adequar melhor às necessidades do paciente.

Além da intervenção medicamentosa, uma parte fundamental do tratamento envolve a adoção de práticas que promovam um estilo de vida mais saudável e equilibrado. Isso pode incluir, por exemplo, a incorporação de exercícios físicos regulares na rotina diária, que têm sido comprovadamente eficazes na melhora do humor e na redução da ansiedade. Práticas como yoga e meditação também são

2. Fonte: Vida Saudável/Hospital Israelita Albert Einstein.

altamente recomendadas, pois ajudam a promover a conscientização emocional e o relaxamento, permitindo que o indivíduo desenvolva uma maior resiliência diante das dificuldades emocionais que enfrenta. Assim, por meio de uma abordagem holística que combina terapia, medicação e mudanças no estilo de vida, é possível oferecer ao paciente um caminho mais saudável e construtivo em vez de se render a comportamentos autodestrutivos.



AS CICATRIZES DESCREVEM O MEU PASSADO

Minhas cicatrizes, que representam dor e sofrimento, estão presentes em meus dois braços e coxas. Eu me cortava devido a problemas familiares e sociais. Diariamente, eu me cortava, e apenas meus amigos sabiam, pois eu temia as críticas da minha família e não contava. Porém, um dia decidi compartilhar, e para minha surpresa, eles não me criticaram. Acabei parando com isso, pois não via mais razão para continuar, e foi assim que adquiri as cicatrizes.

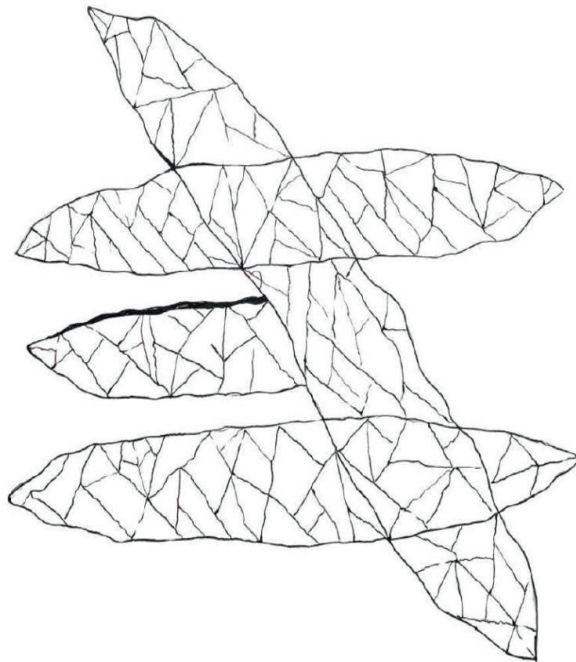


Kethen Heloísa Almeida dos Santos



A DOR DOS PROBLEMAS EMOCIONAIS

Minha cicatriz foi causada por mim mesma, pois, em momentos difíceis, ninguém está por perto para nos ajudar. Eu finjo ser uma menina sorridente e alegre, mas não é bem assim. Minha cicatriz na coxa é composta por quatro cortes de gilete. E o que isso significa? Ninguém se importa se você está doente ou com fome. Mas tenta ser feliz por você – como irrita.



Tamily Oliveira da Silva



O QUE VEM DAS MEMÓRIAS

As cicatrizes que carregamos muitas vezes se tornam lembranças dolorosas, e, por vezes, também evocam saudade. Elas representam marcas de destruição que permanecem gravadas em nossa memória, integrando-se de maneira indelével à nossa experiência de vida. A humanidade, em sua trajetória, frequentemente demonstra um comportamento que exclui e destrói outras formas de vida que coexistem ao nosso redor. A frase inquietante de Ailton Krenak, “Caçamos baleia, tiramos barbatanas de tubarão, matamos leão, e o penduramos na parede para mostrar que somos mais bravos que ele” (2020, p. 9), encapsula essa realidade. Essa visão de dominação e controle sobre a natureza reflete um desprezo profundo por tudo que é natural, um afastamento que nega a possibilidade de convivência harmônica com o mundo ao nosso redor.

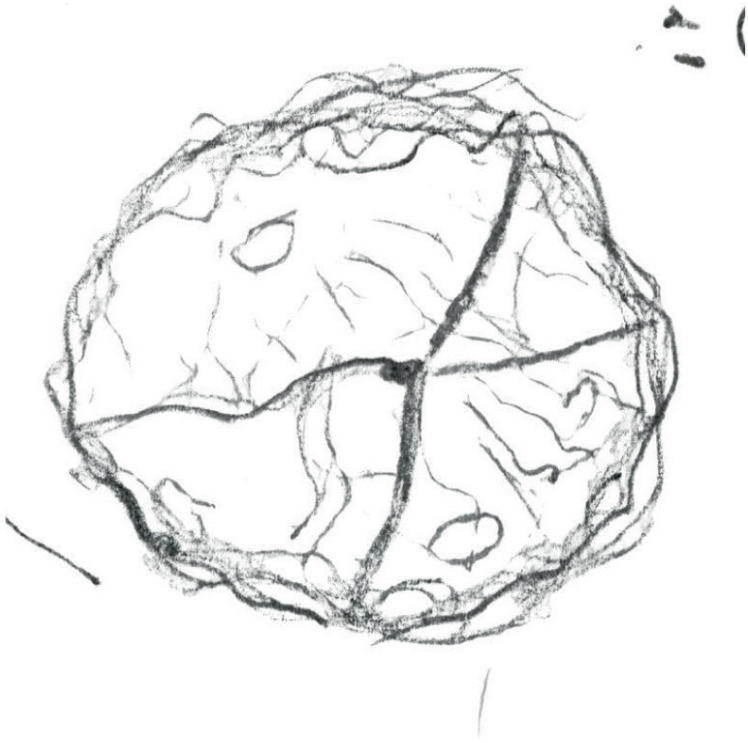
Em contraste, a comunidade do Caranã ainda preserva uma relação “harmoniosa” com os animais, mantendo um profundo respeito pela cosmovisão indígena que enxerga a natureza não apenas como um recurso a ser explorado, mas como uma entidade sagrada que merece veneração e cuidado. Contudo, a chegada da tecnologia, com sua influência avassaladora, começa a evidenciar um distanciamento entre os indivíduos e o meio ambiente, revelando a fragilidade da condição humana. Essa evolução nos força a refletir sobre o futuro que estamos moldando, um futuro que, segundo Krenak, deve ser “ancestral”. Essa afirmação ressoa com a necessidade de resgatar e valorizar as relações que a comunidade estabelece com seus ancestrais, enfatizando que o respeito, a dignidade e a conexão com a terra são fundamentais para a formação da identidade humana.

Para que essas cicatrizes das memórias sejam incorporadas à nossa história coletiva, é imperativo que reconhecamos e honremos os legados deixados por aqueles que vieram antes de nós. O modo como interagimos com o meio ambiente deve ser guiado por uma ética que respeita as cicatrizes da natureza, entendendo que elas são parte de nossa formação como seres humanos. Assim, ao relembarmos os ensinamentos dos nossos antepassados, podemos cultivar um relacionamento mais respeitoso e sustentável com o mundo, percebendo que a preservação da natureza é, na verdade, uma forma de cuidar de nós mesmos.



A VACINA QUE DEIXOU

A cicatriz que tenho é de uma vacina que tomei na infância; cada cicatriz que carregamos é uma marca inapagável em nosso corpo. Embora possam não nos trazer boas lembranças, elas fazem parte de quem somos.



Kaylane Cíntia Silva dos Santos



MEU PÉ É A HISTÓRIA

Minha cicatriz foi assim: fui à casa da Talita com meu primo, pedimos um quilo de farinha e, na volta, meu primo estava acelerando muito. Eu carregava a farinha e pedi para ele ir mais devagar, mas ele não me ouviu. Não percebi que meu pé tinha ficado preso no raio da bicicleta, e foi uma dor horrível. Foi assim que ganhei a cicatriz.

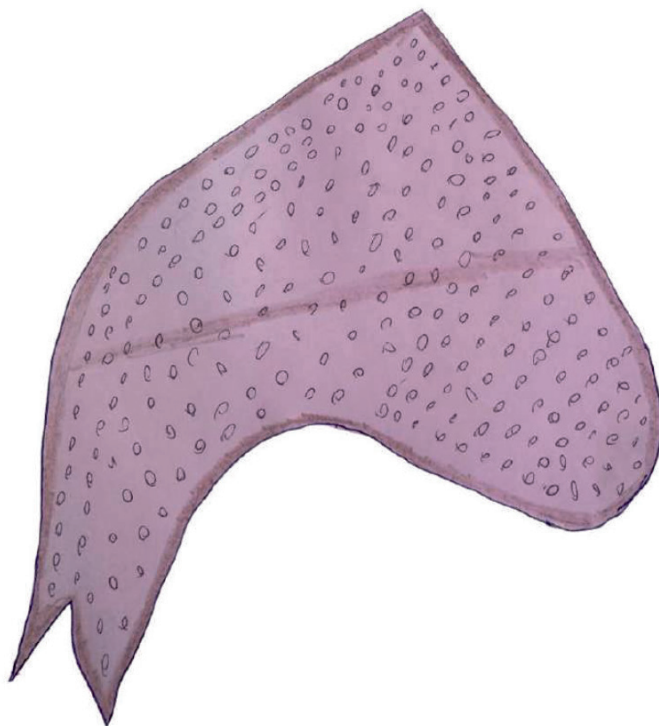


Lucas Salviano da Silva Neto



MINHA QUEIMADURA

Uma vez, fui ao jogo com meu pai. Quando chegamos, desci da moto e me sentei perto do escapamento, acabei me queimando. Foi muito doloroso, como se estivessem arrancando um pedaço da minha pele.



Henrique Sousa Matos



A CICATRIZ QUE EU CARREGO E NUNCA VAI SER ESQUECIDA

Possuo uma cicatriz. Certa vez, eu e minhas irmãs estávamos brincando de ônibus na casa do forno, até que a Talita ficou brava comigo, me empurrou e eu caí sobre uma telha, o que me feriu. A Talita ficou assustada e, por isso, eu tenho essa cicatriz.

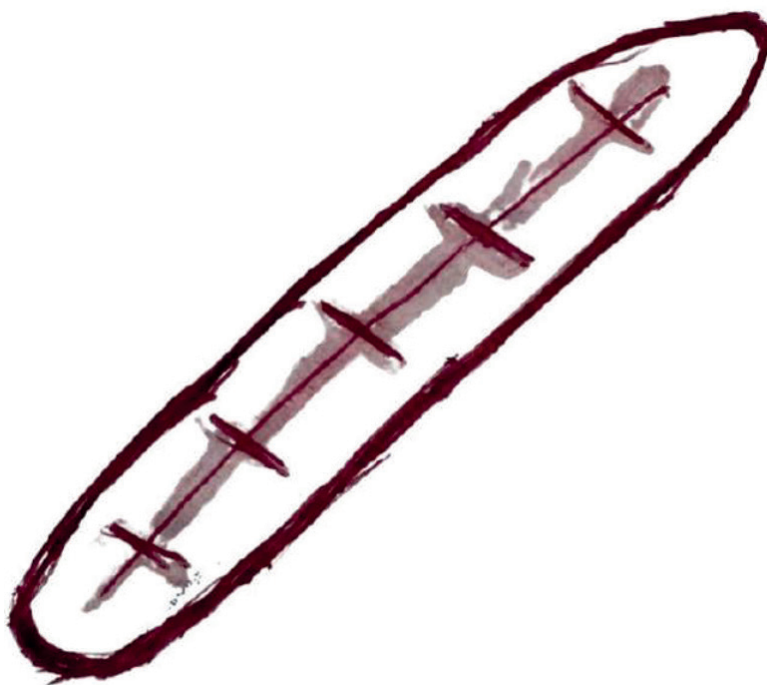


Lucchese Monize Araújo da Rocha



A CICATRIZ E A MINHA HISTÓRIA

Certa vez, houve uma falta de energia e minha mãe disse que iria lavar roupa no rio. Fomos juntos, e quando chegamos lá, eu fui tomar banho com meu irmão. Nós brincamos, mas depois começamos a brigar. Ele me empurrou e eu caí sobre um pedaço de pau, machucando minhas nádegas, e precisei levar cinco pontos.



Ana Paula da Silva Santos



CICATRIZ DO MEU CORPO TERRITÓRIO

Tenho uma cicatriz na minha coxa porque, quando estava na casa da minha avó, subi em uma goiabeira e caí sobre uma pedra. Doeu bastante.



Moane Leite Mesquita



MEU PÉ É A MINHA CICATRIZ

Eu tenho uma cicatriz no meu pé, de quando nós morávamos no Lago e eu e a minha irmã, ela vinha comigo na bicicleta, e botei o meu pé no raio e quando eu cheguei em casa eu estava com muita dor porque meu pé estava muito feio.

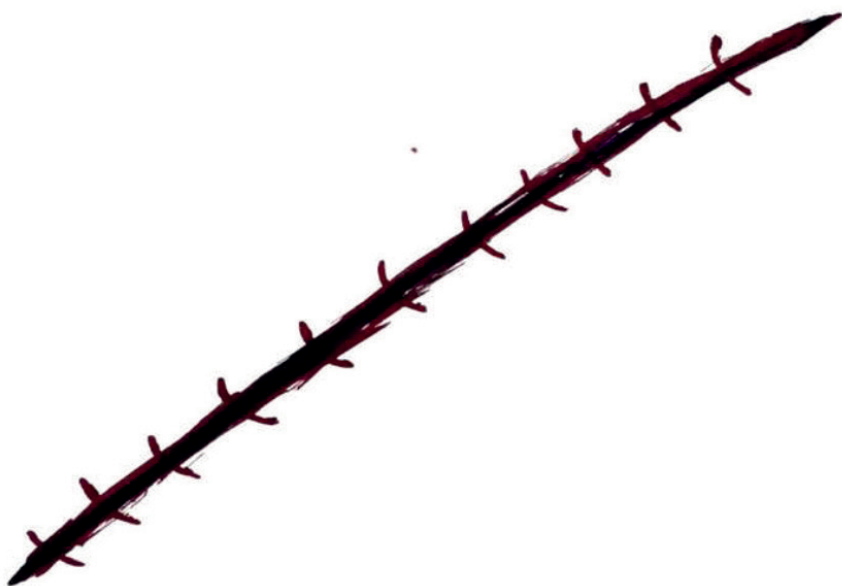


Talita Araújo da Rocha



A CICATRIZ ATINGINDO O MEU CORPO

Tenho uma cicatriz na barriga, resultado de um acidente quando me balançava no galho de uma goiabeira. Minha prima me empurrou com muita força e acabei caindo sobre um galho, ferindo-me. Senti muita dor.



Kassia Luane da Silva Santos



A CADEIRA

Estava em casa quando começou a chover. Peguei uma cadeira para olhar pela janela e vi um carro preto passando com cinco ladrões armados. Ao ver isso, pulei da cadeira e, ao fazer isso, caí de testa no chão. Doeu bastante e precisei ir ao hospital.



Adriano Gabriel Santos da Silva



NA PELE A HISTÓRIA

Essa cicatriz eu ganhei quando fui pescar com meu tio. Fomos à fazenda e pegamos muitos peixes. No caminho de volta, encontramos vários bois e vacas e tivemos que sair correndo. Ao passar por um cercado de arame farpado, passei tão rápido que arranhei meu braço sem perceber.

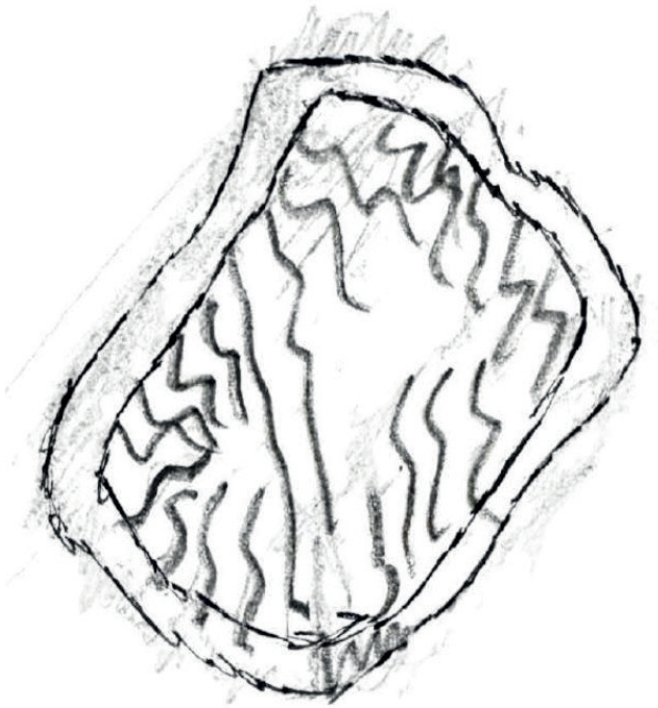


Eric Kayky da Silva



A HISTÓRIA MARCADA NA PELE

Essa cicatriz eu ganhei quando voltava de bicicleta do Santinho. Eu vinha a mil por hora, aí um moleque pisou na minha bicicleta, eu caí e bati o joelho no guidom! Foi desse modo que adquirei a cicatriz.



Kaio Júnior Santos da Silva



MINHA CICATRIZ

Era uma manhã de 2013, e eu estava brincando com meus primos. Tudo parecia normal até que um trágico acidente ocorreu. Não sabíamos que havia fogos dentro de um buraco de folhas secas. Brincando de pular, acabei escorregando e caí nesse buraco, queimando metade da minha perna. Minha mãe me levou ao hospital imediatamente, e fiquei internado por alguns dias. Após a alta, passei um bom tempo sem conseguir andar, e a cicatrização levou um tempo. Embora tenha sarado, ainda carrego as marcas no pé e na perna.

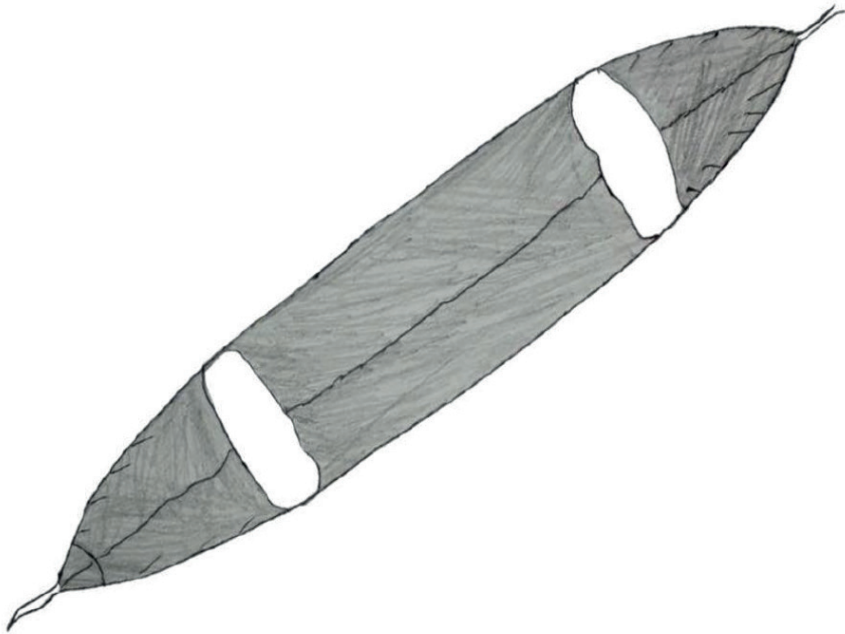


Emily Geovana Santos dos Santos



HISTÓRIA DA VIDA

Tenho uma cicatriz no meu pé. Quando eu era criança, fui correr atrás de uma pipa e pisei em um vidro, cortando meu pé. Sangrou bastante, e minha mãe me levou ao hospital para costurar. Depois de sarar, ficou a marca no meu pé.

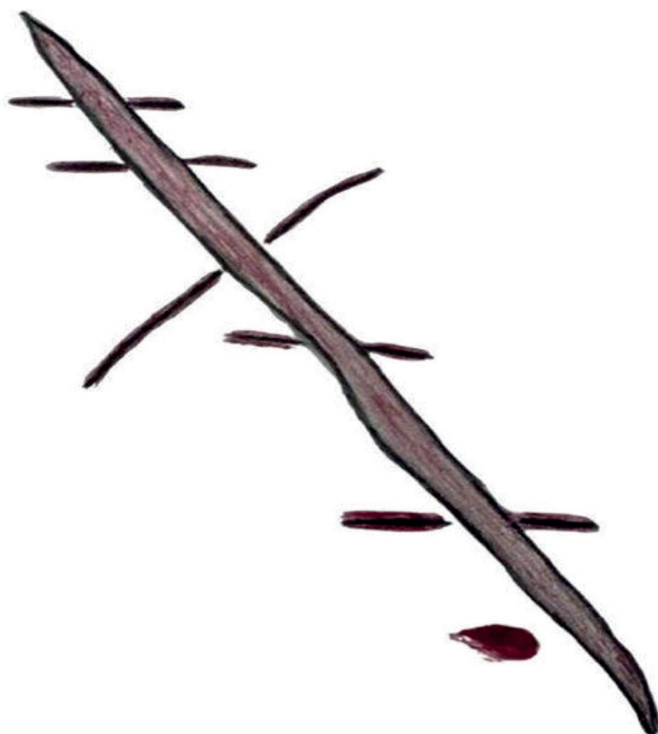


Luciano Rodrigo Santos da Silva



MARCA DA VIDA

Estava fazendo fogo em casa com uma barra de ferro pequena e uma tampa. Quando fui pegar a tampa, bati na barra de ferro que estava ao lado, e ela caiu, pegando de raspão na minha mão.

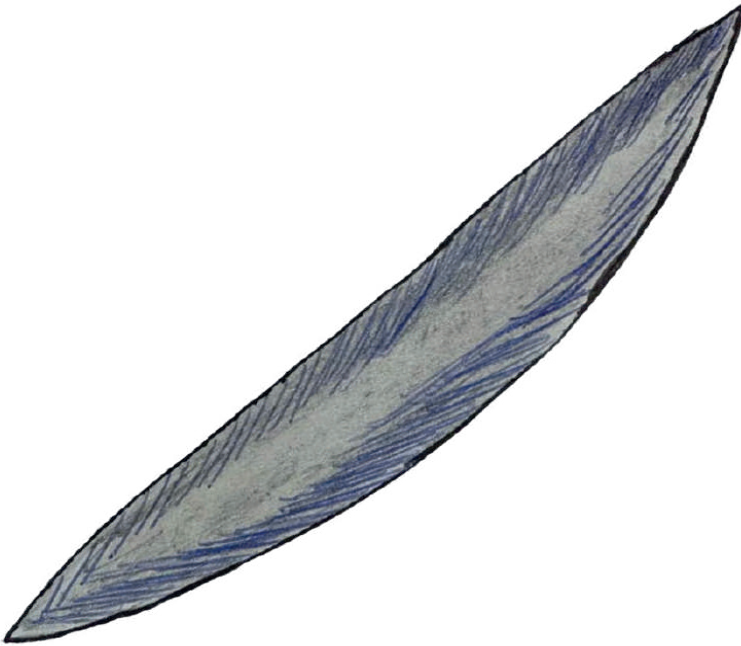


Eduardo dos Santos Reis



MEU PÉ A MINHA HISTÓRIA

Minha cicatriz foi resultado de uma brincadeira com meus amigos. Enquanto corria, pisei em um pedaço de vidro e me cortei. Até hoje, carrego essa cicatriz como lembrança de como a adquiri.

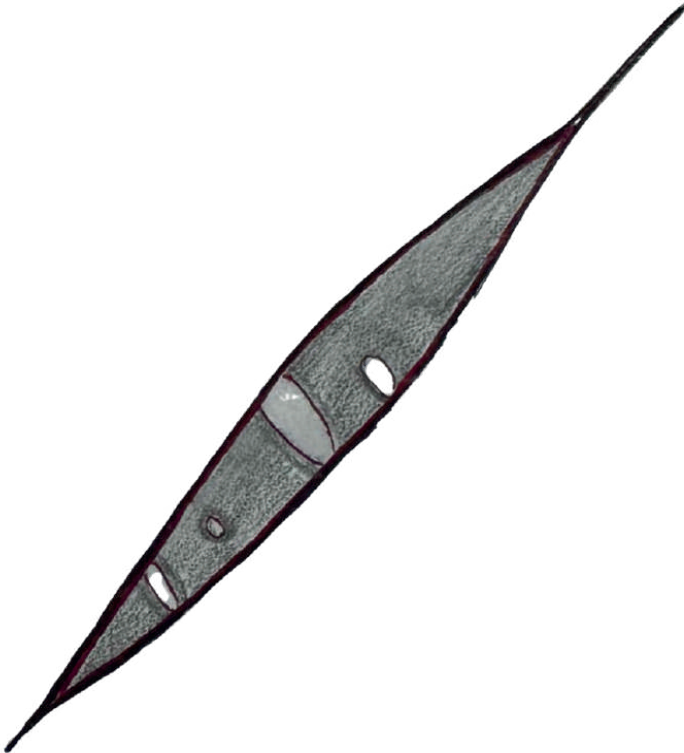


Antônio Cleyton dos Santos Rodrigues



CICATRIZ DO MEU PASSADO

Essa cicatriz eu ganhei na época de soltar pipa. Fui correr atrás de uma pipa e, ao passar por uma cerca de arame, minha perna ficou presa, deixando essa cicatriz.

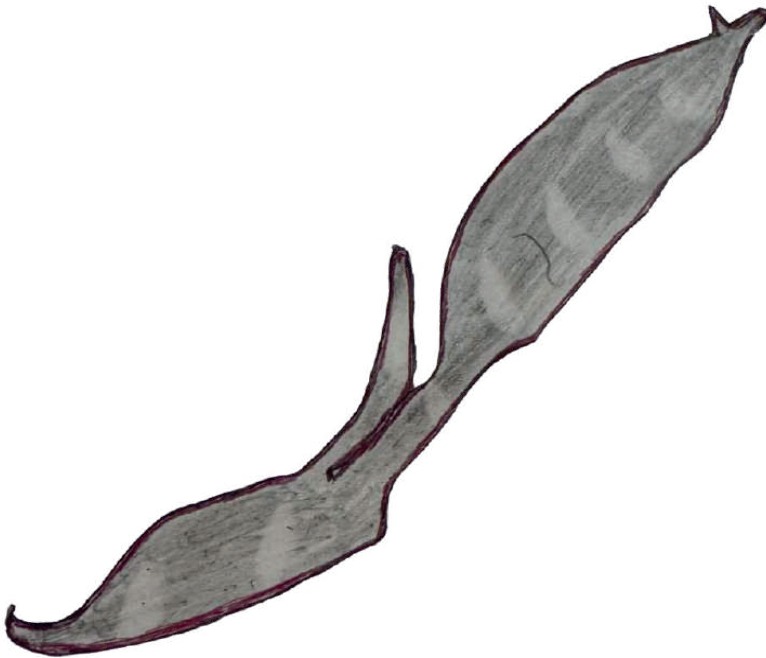


Felipe Gabriel Santos dos Santos



CICATRIZ NA MINHA MÃO

Minha cicatriz foi quando fui arrancar mandioca. Estava fazendo isso quando meu avô mandou que eu aparasse a mandioca. Ao pegar a foice para aparar, acabei cortando minha mão, e foi assim que ficou a cicatriz.



Wallace Paulo Leite da Silva



A HISTÓRIA DA MINHA CICATRIZ

Essa queimadura aconteceu enquanto eu dormia. Quando acordei, percebi que meu braço estava em chamas. No dia seguinte, estava muito feia. Essa queimadura demorou muito para sarar, e a cicatriz que ficou no meio do meu braço é resultado disso.



Eduardo dos Santos Silva



A CICATRIZ QUE EU CARREGO PRA MINHA VIDA

Quando eu era bem pequena, sempre corria para ver o que meu pai trazia das compras. Certa vez, corri tão rápido que não percebi a mesa e bati a testa. Minha mãe disse que saiu muito sangue, e ficou uma cicatriz. À medida que cresci, a cicatriz também cresceu, mas eu gosto dela.



Maria Clara Araújo da Rocha



MINHA CICATRIZ QUE EU LEVO PRA VIDA INTEIRA

A história da minha cicatriz é assim: eu e minha família fomos pra Vila Nova, nós íamos para o jogo e chegando lá eu fui sair do carro, quando fui sair a minha perna deu no ferro do carro. Quando deu no ferro saiu rasgando a minha perna, na hora que deu no ferro eu não senti nada na hora, só fui perceber quando a minha prima da Vila Nova que tinha me dito que estava sangrando a minha perna, aí eu fui ver e era verdade, aí eu fui limpar, amarrei um pano na minha perna.



Márcio Vitor Conceição dos Reis



CICATRIZ QUE O ARAME E O PATO ME DEIXARAM

Essa cicatriz, eu a tenho desde 6 anos quando eu fui correr atrás de um pato, o pato correu para o quintal, eu e minha irmã corríamos atrás dele, quando eu estava correndo eu não vi o arame e eu só senti o arame na minha boca, minha mãe mandou eu sentar, ela passou álcool e estava doendo muito então eu fui me deitar pra ver se passava. Essa cicatriz nunca vai sumir, a cicatriz são as únicas que não somem do nosso corpo, eu sempre vou estar com ela.



Regiane de Nazaré Ribeiro Borges



DISTRAÇÃO

Adquiri minha cicatriz enquanto estendia roupas para minha mãe. Estava distraída com meus pensamentos e não percebi uma barra de ferro à minha frente. Acabei esbarrando com minha perna nela e, ao arranhar, fiquei com a cicatriz.

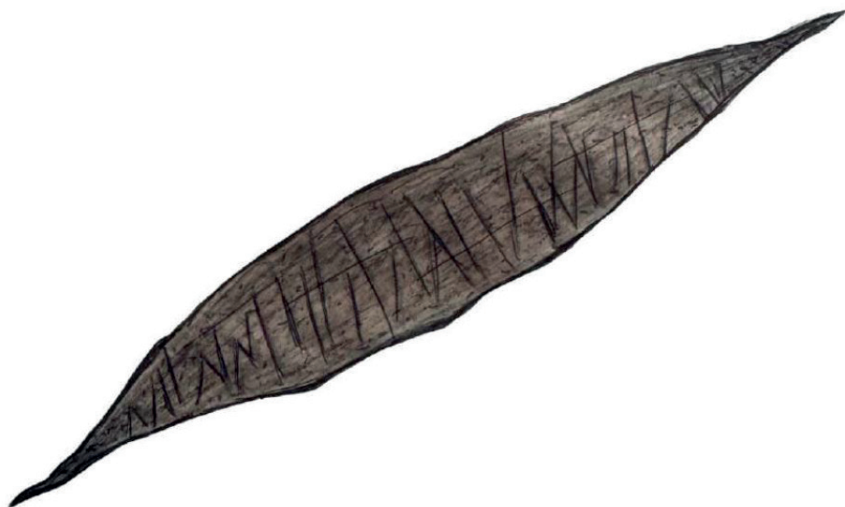


Isadora Luana da Silva Barros



A CICATRIZ VEM DO ACIDENTE

Eu ganhei essa cicatriz quando eu e meu primo estávamos vindo da casa da vó dele, estava tudo indo bem até que em um determinado momento eu fui fazer uma curva e acabei me chocando com outra pessoa de bicicleta. Eu achei que estava tudo bem, mas quando olhei para o meu joelho eu vi que estava muito feio, imediatamente mandei meu primo me levar para casa, depois de todo esse acontecimento o meu pai me levou para o hospital, lá eles pontearam e enfaixaram a minha perna e eu voltei para a casa.



Cristino Elison Silva da Silva



CICATRIZ DAS BRINCADEIRAS

Essa cicatriz foi resultado de uma brincadeira de esconde-esconde com meus amigos. Eu não percebi o arame, corri e acabei me cortando.

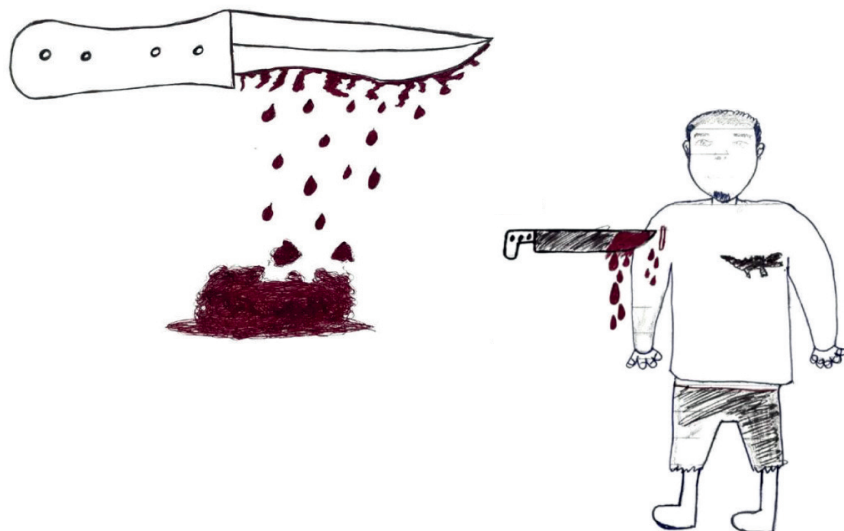


Jhonata de Aguiar da Silva



O ASSASSINATO QUE ACONTECEU NO CARANÃ

Em 2015, uma noite festiva na comunidade do Caranã foi marcada por um acontecimento trágico que transformou a alegria em luto. Um grupo de amigos da comunidade estava se divertindo na festa quando, de repente, uma discussão começou e resultou em um ato violento: um assassinato. Esse crime teve um impacto significativo na vida das famílias afetadas e deixou uma cicatriz na memória da comunidade. Uma celebração que deveria ser de união e amizade transformou-se em um pesadelo, causando dor e ressentimento. Os efeitos foram significativos, resultando em laços rompidos e um ambiente de medo e desconfiança na comunidade, fazendo dessa noite um episódio sombrio na história do Caranã.



Geovana e Maria Clara



A CICATRIZ

Tenho uma cicatriz no meu dedo. Em um dia qualquer, decidi comer uma laranja. Fui até a geladeira para pegar a fruta e, ao descascá-la, acabei cortando o dedo. Sangrou bastante, mas, com o tempo, cicatrizou, deixando uma marca. Escolhi essa cicatriz porque faz parte do meu corpo e é uma característica única da minha identidade.

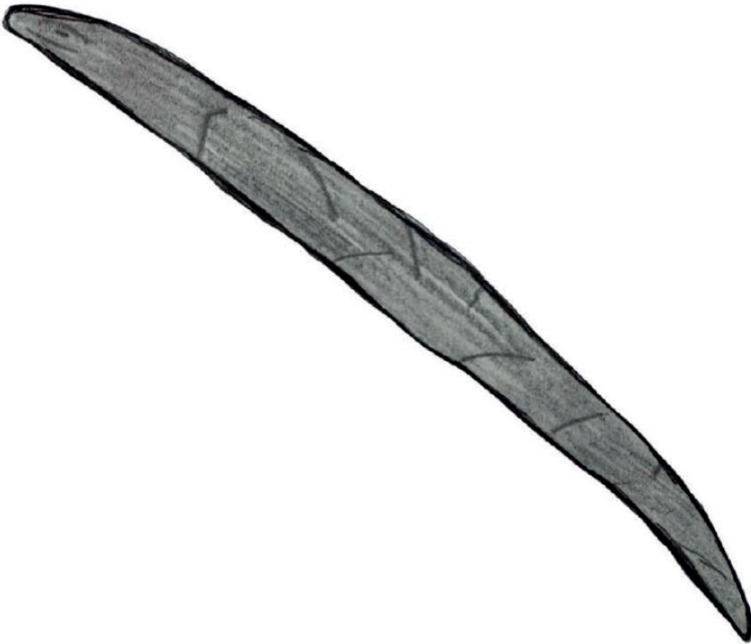


Vitória Santos de Oliveira



LEMBRANÇA DE UM ANIMAL

Essa cicatriz é do meu cachorro que já morreu, eu brincava com ele, e ele me arranhou duas vezes, ele me mordia e me arranhava todinha e essa cicatriz ficou como uma lembrança desse cachorro, Saudades Luqui.



Gleicyane Eduarda Silva Oliveira



A MINHA CICATRIZ REGISTRADA NO MEU CORPO

Eu tenho uma cicatriz no meu corpo devido a um animal de estimação que era um gato. Ele me deixou uma marca que ainda está presente no meu braço. Tenho três cicatrizes no corpo causadas por ele, e elas nunca desapareceram.



Angélica Reis dos Santos



AS MINHAS CICATRIZES SÃO MARCAS DE EXISTÊNCIAS E SUPERAÇÃO

Há dois anos, andava de bicicleta na rua em frente à minha casa quando, ao virar para o outro lado, escorreguei e bati numa pedra.



Fernanda Maria do Santos Ribeiro



MINHA CICATRIZ

Tenho uma cicatriz na barriga resultante de uma cirurgia que fiz devido a uma doença chamada apendicite. Essa marca permanece comigo até hoje como uma lembrança significativa da minha vida.



Valdilene Rosário da Silva



ESSA É A MINHA CICATRIZ

Esta é a cicatriz de uma nascida que estourou e deixou uma marca no meu corpo.



Marcela Nascimento Silva



MINHA PRIMEIRA DOR

Essa cicatriz é de quando minha irmã era bebê e minha mãe me mandou jogar as fraldas descartáveis. Quando cheguei lá, vi a cerca caída e quis levantá-la. Porém, não percebi que havia arame. Ao levantar-se a cerca, o arame cortou meu braço e deixou essa cicatriz.

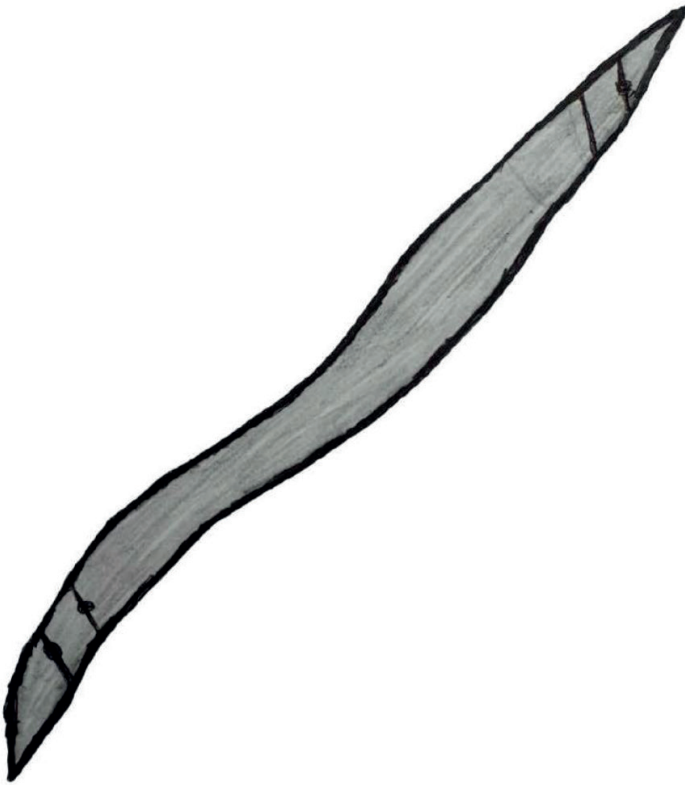


Graziele Silva da Silva



MINHA LEMBRANÇA

Eu ganhei essa cicatriz quando eu e meu meio-irmão íamos para casa do nosso avô de bicicleta. O pneu derrapou na barreira e, como eu estava levando-o, perdi o equilíbrio. Caímos e o ferro da bicicleta cortou meu dedo.

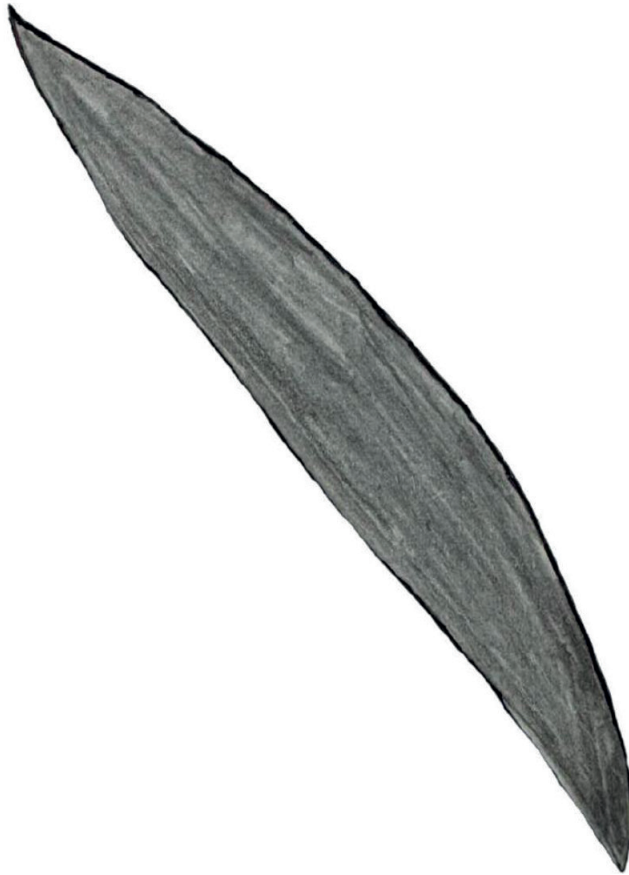


Emanuely Yasmim da Silva Borges



CICATRIZ DO CARÁ

Eu tenho essa cicatriz porque fui tirar cará com minha prima e passei por baixo do arame, mas valeu a pena.

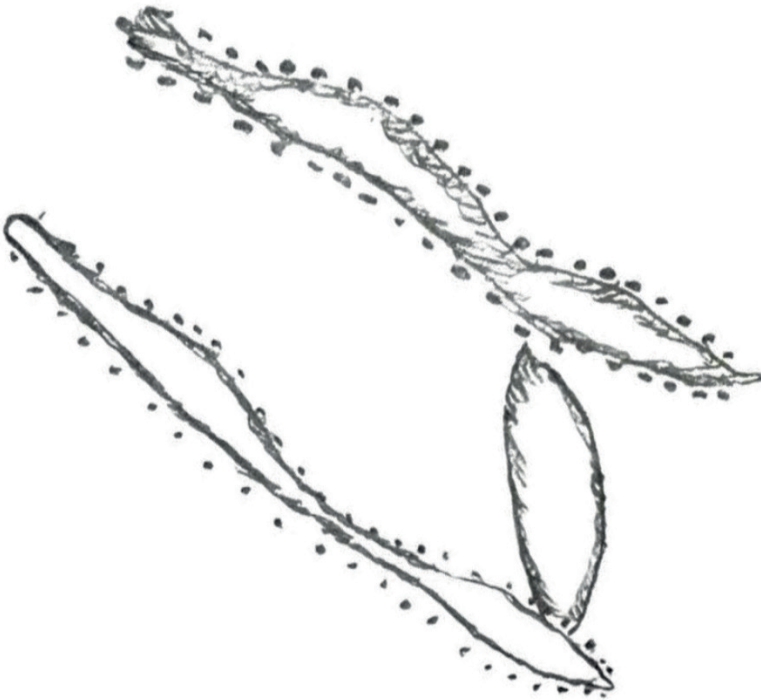


Maria Eduarda Matos dos Santos



UM DIA NO CAMINHO DO RIO

Um dia, eu, minhas irmãs e minha mãe voltávamos do Rio da Morcega. Eu levava minha bola e comecei a jogar para a Lulu. Daí, começamos a brincar de jogar a bola e, ao passar pela frente da fazenda, eu a joguei para a Lulu, mas ela acabou indo para dentro da fazenda. Ao tentar passar pelo arame farpado, acabei me ferindo: o arame fez dois cortes leves e um furo na minha perna, que levou duas semanas para cicatrizar.



José Armando da Conceição Reis



O QUATI E OS CACHORROS

Estava suando no mato. Fui com Kalel e Regiane. Quando chegamos lá, os cachorros estavam latindo para um quati. Ao atravessar o arame, me cortei. Chamei a mãe e o pai de Kalel, informando que o quati tinha atacado o cachorro deles e causado um ferimento na boca do animal.

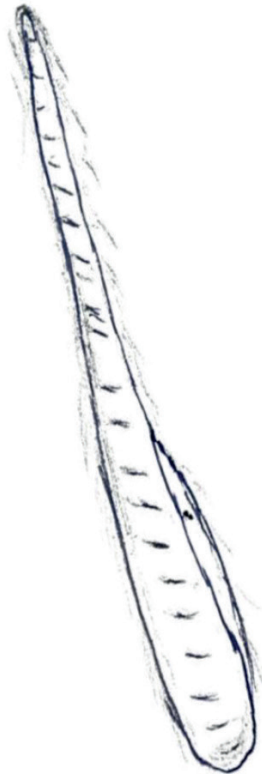


Maria do Rosário Ribeiro Borges



CAIR NO RIO

Fui ao rio, estava chovendo e escorreguei. Quando olhei, minha perna estava sangrando e a cicatriz ficou.

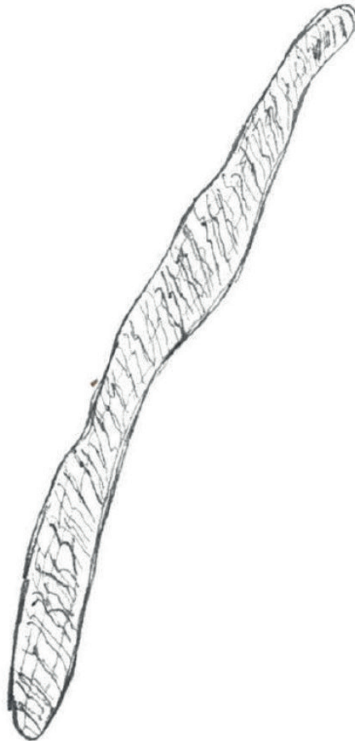


Welison Oliveira Silva



O GOLPE NA MINHA PERNA

Estávamos embaixo de um pé de ameixa quando um bode começou a me perseguir. Eu caí e ralei o joelho no arame, sangrando bastante. Fiquei com a perna dolorida por alguns dias.

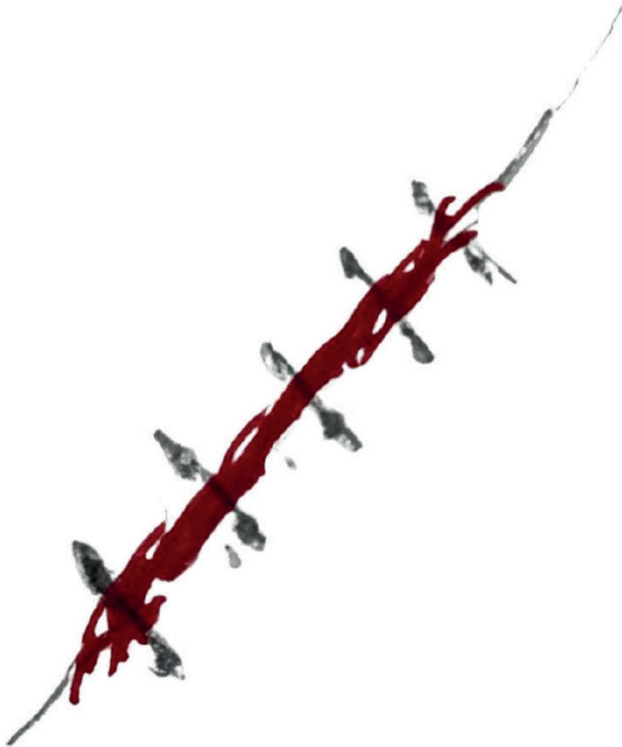


Elison Nascimento Silva



CAI NA BEIRA DO RIO

Foi na ressaca da festa que meu tio levou o pessoal para tomar banho. Eu estava correndo na beira da piscina com meu irmão, e havia uma tela na borda da piscina. Quando pulei, meu pé escorregou e acertou a tela, cortando e precisando de cinco pontos.

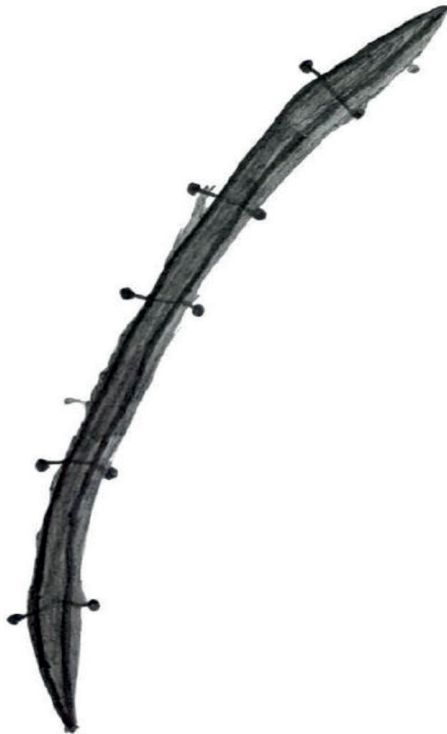


Aquiles Rian Damaceno dos Santos



CAIR DE BICICLETA

Em uma tarde de domingo, enquanto pedalava, não percebi uma cerca de arame ao fazer uma curva e acabei caindo em um barranco. Fui cortado na coxa, que começou a sangrar bastante. Mesmo assim, fui para casa, e o sangramento continuou. Ao chegar em casa, minha mãe fez um curativo na minha coxa. No dia seguinte, acordei com muita dor. O corte foi profundo, e até hoje tenho uma cicatriz que pegou três pontos.



Jean Carlos Sousa Oliveira



CORTE NO TIJOLO

Estava jogando com meu irmão e meu primo quando meu irmão chutou a bola. Fui correndo para pegar, e na frente havia um caco de tijolo. Pisei em cima e, pensando que não tinha cortado, quando olhei, vi que meu pé estava aberto e sangrando. Não aguentei a dor e pediram ao vizinho para me levar ao hospital.



Renan dos Santos Silva



CORRENDO ATRÁS DE PIPA

Estava na casa da minha avó e convidei o Renan para brincar de soltar pipa. A pipa foi embora e ficou presa em um pé de acerola. Eu e Renan decidimos subir no pé de acerola. Ele subiu e me mandou pegar uma vara. Fui buscar e, ao voltar, pisei em um caco de vidro. A Sofia, irmã do Renan, me segurou enquanto eu pulava. Ela cortou uma folha de bananeira e colocou o leite sobre o corte para estancar o sangramento, mas não funcionou. Minha mãe veio me buscar, amarraram um pano no meu pé, mas não adiantou, o sangramento continuou. Foi então que me levaram para o hospital.



Luan Oliveira da Silva



CORTEI MINHA COXA

Tudo começou numa manhã de domingo, quando a família da minha mãe decidiu almoçar na casa do meu tio no sítio. Ao chegarmos lá, eu e meu primo fomos jogar bola. Quando ele me empurrou, eu tropecei nas raízes e acabei batendo a coxa em um pau de carrocinha muito afiado. Quando chego na casa do meu primo e olho para as coroas, lembro desse dia.

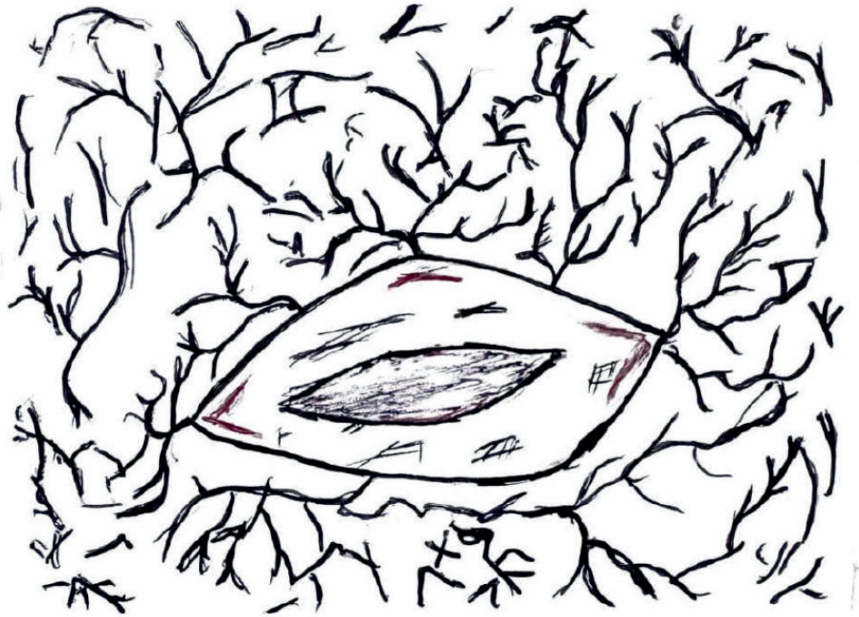


Alan Cardoso dos Santos



CICATRIZ QUE CAMINHAM COMIGO

Em um dia qualquer, eu estava descascando coco. Havia alguém comigo, mas não lembro quem era. Peguei o coco com o pé e dei uma terçadada, acertando meu pé. Eu tinha 5 anos e saí correndo para junto da minha mãe, que fez um curativo improvisado. Essa cicatriz está no meu calcanhar. Gosto dela, pois faz parte de mim. Sou ela e ela sou eu; somos um só, agora e para sempre.



Renan Kalel Ribeiro Cardoso



NUMA TARDE COM OS CACHORROS

Quando eu tinha cerca de 7 ou 8 anos, minha mãe e eu fomos à casa da minha avó. À tarde, minha mãe, minha avó e meus tios foram buscar cadeiras para sentar-se e conversaram perto de um gramado. Enquanto isso, brinquei com os cachorros. O cachorro macho me mordeu por ciúmes da cachorra. Minha tia, que era enfermeira, passou remédio e fez o curativo. Com o passar do tempo, a ferida cicatrizou, mas ficou uma marca, e essa é a cicatriz que eu carregou.

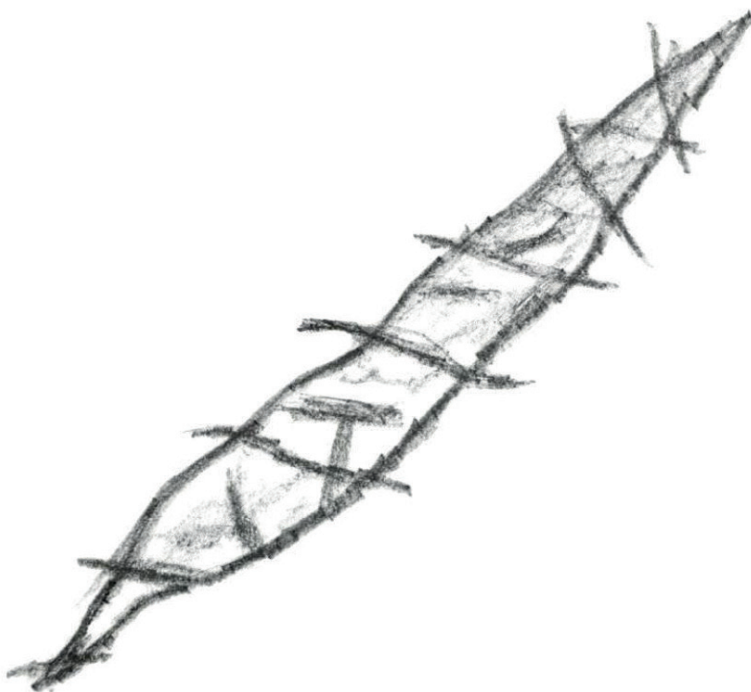


Caroline Reis Cardoso



CICATRIZ NO RIO

Há alguns anos, quando eu tinha aproximadamente 8 ou 10 anos. Estava no Rio, tomando banho e brincando com meus amigos, quando acabei caindo e me machuquei em um pau. Sangrou bastante e doeu muito, mas cicatrizou com o tempo. E eu permaneci com essa marca no meu corpo.



Keila Cristina Santos da Silva



CICATRIZANDO

Assim como as cicatrizes que carregamos em nossos corpos representam atravessamentos doloridos e experiências que nos marcaram profundamente, a comunidade do Caranã também carrega suas cicatrizes, cada uma delas simbolizando desafios superados e as lutas diárias que enfrentam. Essas marcas são testemunhos de uma história rica e complexa, e, ao mesmo tempo, representam a força e a resistência de um povo que busca constantemente superar as adversidades que o cercam. Nesse contexto, surge a necessidade de um processo de desaprendizagem, uma proposta que se alinha ao pensamento de Luís Rufino (2021), que destaca a importância de “desaprender do Cânone”. Essa ideia sugere que a educação convencional, muitas vezes baseada em paradigmas rígidos e hierárquicos, colonialista, deve ser desafiada e reformulada.

A educação, para ser verdadeiramente transformadora, deve incorporar práticas que não apenas reconheçam e valorizem as dores e experiências vivenciadas por aqueles que foram historicamente marginalizados, mas que também proporcionem um espaço onde suas vozes possam ser ouvidas e respeitadas. Essa abordagem é fundamental para criar um ambiente educacional mais inclusivo e representativo. Afinal, como Rufino argumenta, “desaprender é um ato político e poético diante daquilo que se veste como único saber possível ou como saber maior em relação a outros modos” (Rufino, 2021, p. 19) Essa perspectiva nos leva a refletir sobre os saberes que muitas vezes são silenciados, enfatizando a importância de um diálogo plural na construção do conhecimento.

Portanto, ao olhar para as cicatrizes da comunidade do Caranã, não devemos apenas observar a dor, mas também reconhecer a força que emana delas. O processo de desaprendizagem propõe uma reavaliação das práticas educacionais, promovendo uma educação que não apenas instrui, mas que também cura e empodera. É por meio dessa transformação que podemos vislumbrar um futuro em que as histórias de todos sejam contadas, respeitadas e valorizadas, contribuindo para um mundo mais justo e equitativo.



REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história Única**/Chimamanda Ngozi Adichie; tradução de Juliana Romeu.- 1ª ed. São paulo; Companhia das Letras, 2019.

KRENAK. Ailton. **A vida não útil**/ Ailton Krenak; pesquisa e organização Rita Careli- ed.-São Paulo : Companhia das Letras, 2020.

MUNIZ, Vik, **Cicatrices** – A produção da obra 8 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://livraria.senado.leg.br/cicatrices>. Acesso em: 26 out. 2025.

<https://www.agenciabrasilia.df.gov.br/w/museu-nacional-da-republica-recebe-exposicao-gratuita-%20sobre-a-arte-do-planalto-central>. Acesso em: 20 set. 2025.

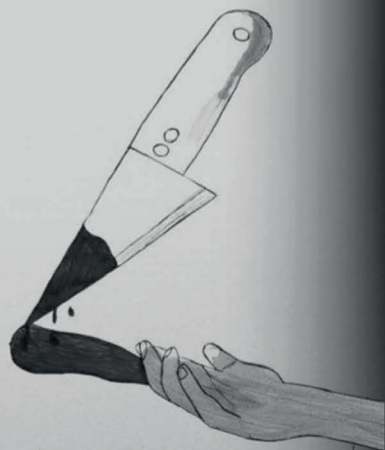
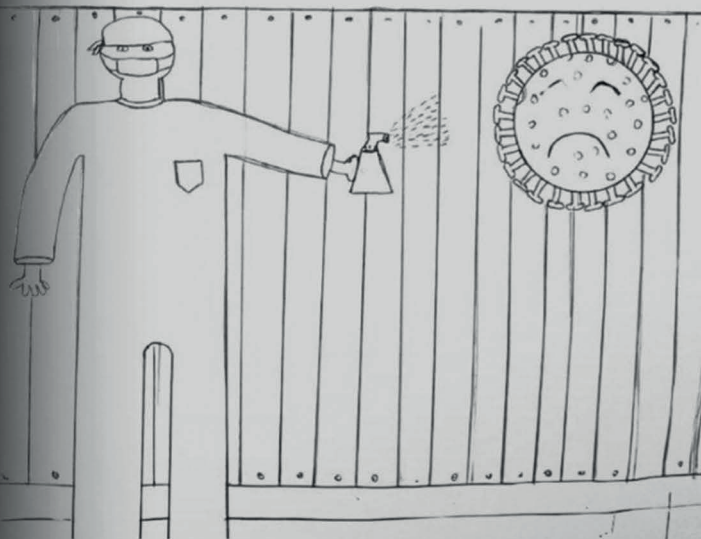
RUFINO, Luiz. **Vence-demanda** [recurso eletrônico]: educação e descolonização / Luiz Rufino. Rio de Janeiro : Mórula, 2021.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. **Flecha do tempo**. Rio de Janeiro: Mórula, 2029.

CICATRIZES

das memórias

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

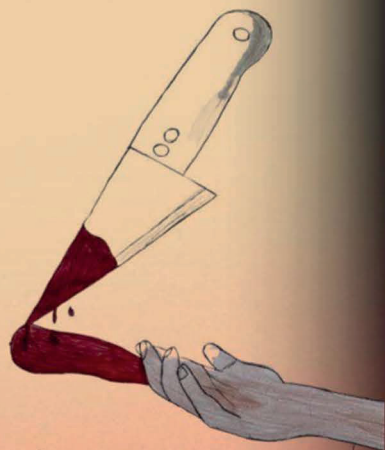
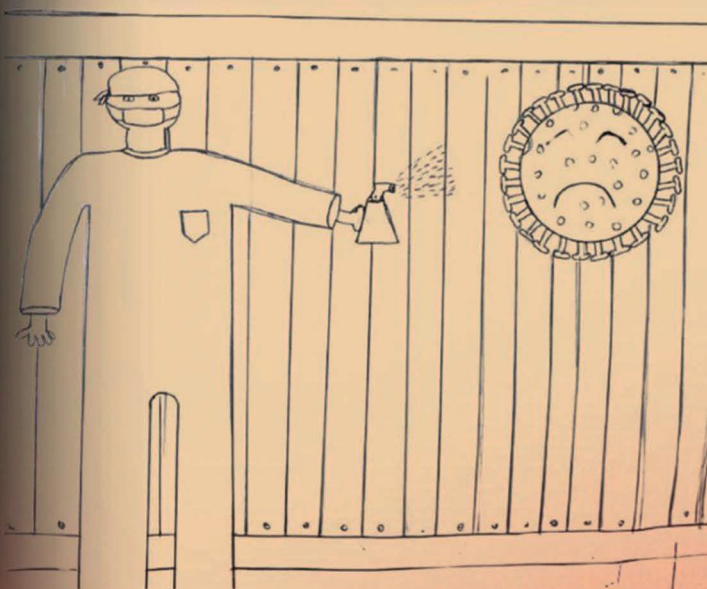


Atena
Editora
Ano 2026

CICATRIZES

das memórias

🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 @atenaeditora
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2026